

DAR A VIDA PELOS SEUS AMIGOS:

o Jesus histórico e o sacrifício

Paulo Augusto de Souza Nogueira

1

Evangelho de João 12,20-36

Havia alguns gregos que subiam para adorar na festa. Os quais então se dirigiram a Filipe de Betsaida da Galiléia e lhe perguntaram: Senhor, queremos ver a Jesus. Veio Filipe e disse a André, vieram Filipe e André e contaram a Jesus. Jesus lhes respondeu dizendo: é chegada a hora para que seja glorificado o Filho do Homem.

Amém, amém, eu vos digo: se o grão de trigo não cair na terra e morrer, ele fica só. Se, porém, morrer, produz muito fruto.

O que ama a sua vida a perde, e o que perde a sua vida neste mundo a preserva para a vida eterna. Se alguém quer me servir, segue-me, e também onde eu mesmo for, também o meu servo irá. Se alguém quer me servir, o Pai o honrará.

Agora a minha alma está perturbada. O que direi? Pai, salva-me desta hora? Mas eu vim por causa desta hora. Pai, glorifica o teu nome. E veio uma voz do céu: glorifiquei e mais uma vez glorificarei. Então o povo que estava ali e ouviu disse: foi um trovão. Outros disseram: um anjo falou com ele.

Respondeu Jesus e disse: não foi por minha causa que houve esta voz, mas por causa de vós. Agora chegou o juízo deste mundo. Agora o governante deste mundo será lançado fora. E também se eu sou levantado sobre a terra, a todos atraio para mim. Disse estas coisas indicando de que tipo de morte estava para morrer.

Respondeu-lhe então o povo: nós ouvimos da lei que o enviado permanece para sempre, e como tu dizes que o filho do homem deve ser levantado? Quem é este filho do homem? Disse-lhes Jesus: ainda por pouco tempo a luz está entre vocês. Andai como os que têm a luz, para que as trevas não vos dominem, pois o que anda nas trevas não sabe para onde vai. Como tendes a luz, crede na luz, para que vos torneis filhos da luz. Jesus disse estas coisas, e, partindo, foi ocultado deles.

Evangelho de João 10,12

Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a si mesmo por suas ovelhas.

Evangelho de João 15,13

Não há maior amor do que este: que alguém dê a vida pelos seus amigos!

Evangelho de Marcos 8,27-38

E saiu Jesus e os seus discípulos para a vila de Cesaréia de Filipe. E no caminho perguntou aos seus discípulos, dizendo-lhes: “Quem dizem as pessoas que eu sou”? Eles lhe disseram: João, o batizador, e outros, Elias, outros porém que é um dos profetas. E ele lhes perguntou: E vós, quem dizeis que eu sou? Respondeu Pedro e lhe disse: Tu és o enviado. E ele lhes advertiu severamente para não falarem dele a quem quer que seja. E começou a ensinar-lhes que era necessário que o filho do homem muito padecesse, fosse considerado sem valor por parte dos anciãos, dos sumo-sacerdotes e por parte dos escribas; e que fosse morto, mas que depois de três dias ressuscitaria. E com desenvoltura falava sobre este assunto.

Mas, tomando-o junto de si, Pedro começou a repreendê-lo. O qual se voltou e vendo seus seguidores, repreendeu a Pedro e disse: vem após mim, seu satanás, porque não pensas as coisas de Deus, mas as coisas dos homens. E chamando junto a si o povo e os seus discípulos, disse-lhes: *o que deseja me seguir após mim, negue-se a si mesmo e tome a sua cruz e siga-me. O que deseja salvar a si mesmo, se perderá. O que, no entanto, perder a si mesmo por causa de mim e por causa do evangelho, será salvo. Que benefício tem o homem em ganhar o mundo todo e perder-se a si mesmo? O que daria o homem em troca de si mesmo?* Aquele que tiver vergonha de mim e das minhas palavras nesta geração imoral e pecadora, também o filho do homem terá vergonha dele quando vier na glória do seu pai junto com os santos anjos.

2

Nos dias de hoje é impossível não pensarmos em Jesus como sacrifício, como expiação por nossos pecados. Não se trata apenas de convicção pessoal, mas de uma imagem que perpassa toda a sociedade ocidental. O discurso milenar sobre Jesus Cristo, assim como a iconografia e o ritual enfatizam esta imagem específica de Jesus: o cordeiro de Deus que foi imolado, sem mancha, pela expiação dos pecados dos seres humanos. É muito interessante observar nas imagens e pinturas como Jesus é retratado. Em afrescos e retábulos da Igreja antiga e medieval a imagem do cordeiro que se assenta sobre o trono de Deus, de Apocalipse 5, se alterna entre a representação de um homem jovem, ou seja, Jesus, ou de um cordeiro mesmo, conforme a imagem sugerida pelo texto. Mas logo percebemos que em algumas imagens o cordeiro tem diante de si uma taça, como é o caso no famoso retábulo de Gand, conhecido como “entronização do cordeiro”. Ali o cordeiro sangra e diante dele está colocada uma taça que cuidadosamente recolhe cada gota de seu precioso sangue. Este sangue é o sangue eucarístico. Há também representações do “homem de dores”, do Cristo morto, exposto para contemplação piedosa dos fiéis. E nelas há uma ênfase no corpo flagelado, no corte no lado de seu corpo e no sangue derramado. Seja nas imagens, seja no ritual da eucaristia, seja nas formulações doutrinárias a imagem de Jesus de Nazaré não pode ser compreendida sem referência ao seu sacrifício.

Na teologia contemporânea, no entanto, tem havido um enorme esforço de ressignificar a imagem de Jesus, de tentar imaginar seu valor para os que o seguem com

um protesto contra a violência que o vitimou e não como um sacrifício premeditado e voluntariamente aceito. A idéia é de que sacrifícios são ações fundantes na sociedade que legitimam espirais de violência, ou, em outros termos, ideologias sacrificiais. O sacrifício exemplar de Jesus estaria, portanto, na base de uma ideologia que legitima o sacrifício como um mecanismo de perpetuação da vida. Libertar o ser humano e as classes oprimidas deveria se iniciar, desta forma, com uma revisão de nossa imagem de Jesus, de despi-lo do determinismo dos planos divinos que o teriam enviado para cá para ser oferecido em sacrifício pelos nossos pecados.

Esta iniciativa tem aspectos interessantes, uma vez que busca resgatar novas imagens de Jesus. Mas fato é que a piedade popular ama e se identifica com as imagens de Jesus sofredor, com seu coração à mostra, com suas feridas abertas e expressão moribunda. Isto pode ser constatado de muitas formas: nas expressões nordestinas de identificação do destino dos retirantes e dos sertanejos com o Cristo sofredor, nas expressões de dor e sofrimento das representações do Cristo crucificado e morto do barroco brasileiro, nas imagens e na devoção do coração de Jesus exposto, sem falar da ênfase evangélico-pentecostal no “sangue de Jesus”. Talvez não seja o caso de substituímos simplesmente a imagem do Jesus sacrifício, mas de nos permitirmos ver nela novos sentidos. Também não nos cabe exercermos o papel de revisores iluministas da cultura, que, por meio de uma teoria antropológica geral (ou que se pretende de valor universal), revisam as culturas locais e historicamente construídas.

3

Temos que constatar de início duas coisas: Jesus não se ofereceu como expiação por pecados na Páscoa, mas as tradições que o interpretam desta forma são muito antigas. Entre os pesquisadores do Jesus histórico há sérias dúvidas que a última refeição de Jesus com os seus discípulos fosse uma celebração de sua morte, como sugerem os evangelhos. É mais provável que ele estivesse celebrando uma refeição escatológica, um gesto profético que anuncia a vinda do Reino de Deus, como já celebrara em outras ocasiões na Galiléia, junto aos pecadores e marginalizados. Mas o fato de sua morte ter acontecido na semana da Páscoa judaica (mas não *na* Páscoa, como corretamente narra o Evangelho de João!) faz com que as imagens se associem: Jesus que celebra a Páscoa é identificado com o próprio cordeiro pascal. Ele teria, portanto, antecipado esta identificação na última refeição com seus discípulos.

A que se deve esta identificação de Jesus com o cordeiro pascal? Bem, aqui temos que reconhecer que há uma ligação com o Jesus histórico. Ao falar de Jesus de Nazaré na história não nos referimos apenas a fatos e palavras, realmente acontecidos – aliás, neste sentido talvez pouco se possa saber com certeza –, mas a horizontes de ação e compreensão de mundo referenciais na sociedade onde ele viveu e atuou. O fato é que a sociedade judaica vivia num horizonte sacrificial, no qual o Templo de Jerusalém e os seus mecanismos de expiação pelos pecados desempenhavam um papel controverso, mas central. Mesmo entre os camponeses da Galiléia, que viviam à margem das atividades do Templo, não é impossível imaginar que exercesse influência.

Mas o principal motivo para a interpretação sacrificial de sua morte pode se dever ao fato de que ela soou como sem sentido para seus seguidores, de que ela não era absolutamente aguardada. Diante do fato avassalador e inesperado da execução de Jesus uma profunda crise se instalou nos corações de seus seguidores. Não viria Jesus trazer o Reino? Já não o celebrávamos por antecipação em nossas refeições comuns? Sua morte não põe em xeque toda a sua pregação? Estas e outras perguntas devem ter sido feitas por seus seguidores que, angustiados e frustrados por verem seu messias crucificado pelos ímpios romanos, mantiveram-se, no entanto, reunidos, em oração e partindo o pão. Mas exatamente neste detalhe – que oravam e comiam juntos – é que se deu a grande transformação. Primeiro, na oração passaram a ter visões do crucificado. E nos encontros com ele passaram a partir o pão novamente. Como diz a cena dos discípulos no caminho de Emaús: “seus olhos se abriram e passaram a compreender as Escrituras”. Perceberam que a morte não mudaria nada, não os separaria dele e nem de seus irmãos. Mantiveram, portanto, oração, refeições escatológicas, reflexões sobre a Escritura e – aqui mais uma decisão importante – a sua prática: pregação entre os mais pobres!

Na Escritura descobriram as tradições do Servo Sofredor (Is 52 e 53) e lhes foi *revelado* que o messias morreria por outros. Que ele tomou sobre si todos os nossos sofrimentos. Que o Senhor o enviara para resgatar os seus. Esta reflexão retroativa, ou seja, de nos fatos escandalosos de sua inesperada morte reler toda a Escritura, surgiu um movimento circular: a Escritura interpreta o presente, os fatos presentes relêem as Escrituras. E tudo isso alimentado pela espiritualidade do partir do pão, da oração, do anunciar perdão e salvação aos miseráveis.

4

A imagem do Jesus que se oferece como vítima para expiação dos pecados de outros também fez sucesso quando os primeiros cristãos passaram a cruzar as fronteiras para além da Palestina romana e se dirigiram para as outras regiões do Mediterrâneo. Rapidamente a crença do Jesus que morreu “segundo as Escrituras” se estabeleceu como um eixo para a interpretação de toda a sua vida e do seu significado para seus seguidores. Bem ao gosto dos cultos de mistério helenísticos, a morte de Jesus passou a ser compreendida como um morrer para que outros tenham vida e que, se partilhada pelo fiel, traz a ele também a mesma ressurreição experimentada por Jesus na forma de “vida eterna”, “imortalidade”. Assim morrer e ressuscitar com Jesus – aquele por cuja morte esta experiência pode ser estendida aos demais – passou a ser a forma de se unir ao movimento de Jesus: “tornar-se nova criatura”, “nascer novamente”, “ter Cristo habitando em si”. Esta experiência fundante dos cristãos foi, por sua vez, celebrada nos ritos do batismo (no qual se morre com Jesus e com ele se renasce para uma nova vida: Rm 6,11) e na celebração da eucaristia, agora um rito no qual se come do seu corpo e se bebe do seu sangue para a imortalidade. Jesus não é apenas um sacrifício distante, objetivo e localizado na história, mas ele é uma experiência subjetiva, interior, transformadora dos que o recebem.

Se as crenças de Jesus como sacrifício pelos pecados, ou como cordeiro pascal ou mesmo como refeição misteriosa, não provêm do Jesus histórico, conclui-se que Jesus não tenha falado sobre sacrifício? Que este tema não estivesse em sua pregação? Como Jesus de Nazaré reagiu ao sacrifício?

Jesus representava uma crítica profética contundente contra os sacrifícios sangrentos. Ele era muito mais um representante da profecia do norte que afirma que justiça e cuidado com os oprimidos são mais importantes que os sacrifícios. É isso que o Senhor espera dos seus e não formalismo ritual. Este é muito bem desenvolvido pela interpretação bíblica latino-americana.

Mas a interpretação da morte de Jesus como sacrifício não estabelece qualquer ligação com a pregação de Jesus? Talvez aqui tenhamos uma tênue linha com o Jesus histórico.

Veja os textos dos evangelhos que traduzi acima. O primeiro é do Evangelho de João e se refere a uma visita dos “gregos”, sobre os quais, por sinal, não sabemos coisa alguma. O importante é notarmos que o texto paradoxalmente se refere à “glorificação” do “Filho do Homem” por meio de uma parábola: a do grão de trigo que cai sobre a terra e morre. Só assim ela pode produzir fruto. Esta parábola nos lembra a da semente de Marcos 4 que cai em diferentes lugares e que produz fruto conforme o lugar onde cai e germina. Desta forma, falar da “glorificação” é falar da morte. E aí segue o texto com máximas que valem para *todos os discípulos*:

O que ama a sua vida a perde, e o que perde a sua vida neste mundo a preserva para a vida eterna. Se alguém quer me servir, segue-me, e também onde eu mesmo for, também o meu servo irá. Se alguém quer me servir, o Pai o honrará.

Ou seja, da mesma forma que o Filho do Homem produz fruto por meio da sua morte, o discípulo só serve se perde a sua vida, a oferece como o próprio Jesus fez.

Mas observe que o texto retorna para o contexto de preparação da paixão de Jesus e sua incompreensão por parte do povo: “...se eu sou levantado sobre a terra, a todos atraio para mim. Disse estas coisas indicando de que tipo de morte estava para morrer”. E as pessoas perguntam: “como?” Não permanece o Filho do Homem para sempre? E quem é ele? O ser “exaltado” por meio da morte não pode ser compreendido sem adotar a lógica de que perdendo se ganha; morrendo, se garante a vida eterna. Passa-se de máximas para a vida em comunidade, de seguir o destino de Jesus, mesmo se isto implicar morte, para uma reflexão sobre a identidade do Filho do Homem.

O segundo texto está no Evangelho de Marcos 8,27-38. Apesar deste texto não ser paralelo de João 12, que comentamos acima, eles têm estruturas semelhantes: Jesus e seus discípulos estavam a caminho de uma cidade grega, Cesaréia de Filipe, e se inicia uma consulta sobre a identidade de Jesus. Primeiro, pelos de fora, depois pelos próprios discípulos. E Pedro faz a famosa confissão: “tu és o enviado”. Jesus não parece ficar muito satisfeito com esta resposta a ponto de repreender Pedro e iniciar um

discurso sobre o destino de sofrimento e morte do Filho do Homem. Pedro não o aceita e por isso repreende a Jesus. O que temos no texto é um verdadeiro desentendimento entre Jesus e Pedro ao ponto dele repreender Pedro com um tom de bom humor: “vem após mim, seu satanás! Porque não pensas as coisas de Deus, mas as coisas dos homens”. Ou seja: ele tenta Jesus para que escape do caminho da morte, mas é exatamente nesta morte violenta que se encontra a verdadeira identidade do Filho do Homem. Neste texto, assim como no de João, há uma ligação entre a morte de Jesus como Filho do Homem e o seu seguimento nos discípulos:

O que deseja me seguir após mim, negue-se a si mesmo a tome a sua cruz e siga-me. O que deseja salvar a si mesmo, se perderá. O que, no entanto, perder a si mesmo por causa de mim e por causa do evangelho, será salvo. Que benefício tem o homem em ganhar o mundo todo e perder-se a si mesmo? O que daria o homem em troca de si mesmo?

Estas perguntas nos remetem a um universo semelhante ao de João 12: se o grão de trigo não morrer... O dilema “amar a vida e perdê-la” *versus* “perder a vida e ganhar vida eterna” deve ser vivenciado na vida do discípulo. Na linguagem marcana: *O que deseja salvar a si mesmo, se perderá. O que, no entanto, perder a si mesmo por causa de mim e por causa do evangelho, será salvo.* Ambos os textos têm elementos arcaicos e enfoques redacionais. João com o seu “preserva para a *vida eterna*” e Marcos com “tomar a cruz” ou “por causa do evangelho”. Mas ambos concordam que o tema do *dar a vida* não é vinculado exclusivamente à morte salvífica de Jesus na cruz, mas que faz parte de valores que devem ser incorporados pelos seus seguidores.

Se a prática de Jesus era a pregação entre os pobres e desprestigiados na sociedade, realização de curas e exorcismos entre eles, não é incompreensível que sua ação na Galiléia fosse entendida por ele como doação de si mesmo, como um “dar a vida por seus amigos”. Se quisermos buscar ligações entre as reflexões e descobertas que os primeiros cristãos fizeram após a morte violenta de Jesus pelos romanos com a sua atuação na Galiléia, não podemos deixar de observar como uma exortação de “dar a vida para achá-la”, transforma-se num seguimento do exemplo de Jesus, aquele que deu sua vida por seus amigos (Jo 15,13). Os discípulos ao transformarem Jesus em vítima, em sacrifício por outros, podem ter desenvolvido um princípio ensinado por ele a seus seguidores e praticado por ele mesmo.

6

Para continuar estudando o tema veja os seguintes textos:

– Helmut Koester. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2005, v. 2, p. 97-101 (História e Literatura do Cristianismo Primitivo). Koester em poucas páginas apresenta de forma magistral como os discípulos em oração e praticando refeições comunitárias fazem novas descobertas sobre Jesus após a Páscoa.

– Gerd Theissen e Annette Merz. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 433-499 e 539-594. Nestas páginas os autores discutem os diferentes ti-

pos de refeições no judaísmo e quais as possibilidades para a compreensão da última ceia de Jesus com seus discípulos. E depois trabalham com expressões de Jesus que, de forma implícita, pudessem trazer idéias cristológicas a serem desenvolvidas mais tarde. Esta continuidade entre o Jesus histórico e a cristologia é pressuposta também em meu ensaio.

– John D. Crossan. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 340-391. Traz uma interessante reconstrução do Jesus histórico na perspectiva da prática do milagre e da refeição aberta a todos. Apresenta um Jesus não sacrificial.

– Paulo Augusto de Souza Nogueira (org.). *Religião de visionários. Apocalíptica e misticismo no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 111-136 e 137-164. Nos capítulos de Luigi Schiavo e de Luis Felipe Ribeiro são apresentadas interpretações de Jesus não sacrificiais. O primeiro mostra um Jesus do êxtase visionário da Fonte Q. O segundo apresenta Jesus em franco conflito com o Templo.

Paulo Augusto de Souza Nogueira
Rua do Sacramento, 230
09640-000 São Bernardo do Campo, SP
paulo.nogueira@metodista.br